

Universidade Federal de Ouro Preto Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas Pós-Graduação em Educação das Relações Étnico-Raciais

A Linguagem Pajubá: identidades e formas de (re)existência

Edivaldo Alves Nunes

Ouro Preto

2023

EDIVALDO ALVES NUNES

A Linguagem Pajubá: identidades e formas de (re)existência

Trabalho de Conclusão do *Curso de Pós-graduação Lato Sensu* em Educação das Relações Étnico-Raciais, da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito para a obtenção do título de especialista em educação para as relações étnico-raciais.

Orientador: Clézio Roberto Gonçalves

Ouro Preto

2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

N972l Nunes, Edivaldo Alves Nunes.
A linguagem Pajubá [manuscrito]: Identidades e formas(re)
existências. / Edivaldo Alves Nunes Nunes. - 2023.
28 f.

Orientador: Prof. Dr. Clézio Roberto Gonçalves.
Produção Científica (Especialização). Universidade Federal de Ouro
Preto. Departamento de Educação e Tecnologia.

1. Pajubá. 2. Homofobia. 3. Transfobia. 4. Dialetos. I. Gonçalves,
Clézio Roberto. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 811.134.3(81)'282

Bibliotecário(a) Responsável: Iury de Souza Batista - CRB6/3841



FOLHA DE APROVAÇÃO

Eivaldo Alves Nunes

A Linguagem Pajubá: identidades e formas de (re)existências

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Pós Graduação Lato Sensu em Educação das Relações Étnico-Raciais: História e Cultura Afrobrasileira e Indígena da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Especialista

Aprovada em 30 de maio de 2023.

Membros da banca

Prof. Dr. Clézio Roberto Gonçalves - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Dr. Adail Sebastião Rodrigues-Júnior - Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Dr. Marco Antônio Torres - Universidade Federal de Ouro Preto

Prof. Dr. Clézio Roberto Gonçalves, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 18/09/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Clezio Roberto Goncalves, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 18/09/2023, às 18:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0591387** e o código CRC **464FA861**.

RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar expressões da Linguagem Pajubá como um código linguístico usado pelo público LGBTQIAPN¹, linguagem fundamentada em processos sócio-históricos e sociolinguísticos da língua africana iorubá, da língua portuguesa e, também, da língua indígena, faladas no Brasil. Além disso, o presente estudo objetiva analisar a apropriação linguística, como um *modus operandi* da resistência e da (re)existência de sujeito homoafetivo. Optou-se por coletar os dados para a pesquisa por meio de um formulário eletrônico, via whatsapp e e-mail, totalizando 55 sujeitos participantes da pesquisa, integrantes público LGBTQIAPN+, na faixa etária que compreende 25 a 60 anos. Por fim, os resultados deste estudo mostram que a Linguagem Pajubá, além de ser um código linguístico de importância no processo de inclusão social, mostra, ainda, por meio de uma amostra representativa, que as expressões em uso da Linguagem Pajubá consistem em identidades e formas de (re)existência, numa perspectiva de defesa da vida e de combate à homofobia.

Palavras-chave: Pajubá. Homofobia. Transfobia. Identidade. Resistência. Reexistência.

Abstract

This work proposes to analyze expressions of the Pajubá Language as a linguistic code used by the LGBTQIAPN+ public, a language based on socio-historical and sociolinguistic processes of the African Yoruba language, the Portuguese language and also the indigenous language, spoken in Brazil. In addition, this study aims to analyze linguistic appropriation, as a *modus operandi* of resistance and (re)existence of a homoaffective subject. It was decided to collect the data for the research through an electronic form, via whatsapp and e-mail, totaling 55 subjects participating in the research, members of the LGBTQIAPN+ public, in the age group that comprises 25 to 60 years. Finally, the results of this study show that the Pajubá Language, in addition to being an important linguistic code in the process of social inclusion, also shows, through a representative sample, that the expressions in use of the Pajubá Language consist of identities and forms of (re)existence, in a perspective of defending life and combating homophobia.

Keywords: Pajuba. Homophobia. Transphobia. Identity. Resistance. Reexistence.

¹A sigla LGBTQIAPN+, conquistas político-sociais da atuação do Movimento (lésbicas, gays, bissexuais, Transexuais, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais). Se enquadra a sensibilização da população em geral para com as formas de vivenciar a orientação sexual.

Sumário

1. Introdução	6
2. A Linguagem Pajubá (Re)Existência Linguística	9
2. Procedimentos Metodológicos	12
3. Resultados e Análise	14
Quadro 03	16
Expressões na Linguagem Pajubá mais faladas	16
Quadro 05	22
Quadro 06	27
Ambientes do uso da Linguagem Pajubá	27
4. Considerações Finais	32
5. Referências	33

Introdução

Nós tomamos a língua do opressor e a viramos contra ela mesma. Nós fazemos das nossas palavras uma fala contra hegemônica, liberando-nos nós mesmos na linguagem.
(Bell Hooks)

Este trabalho se propõe a analisar expressões da Linguagem Pajubá como um código linguístico usado pela população LGBTQIAPN+, linguagem fundamentada em processos sócio-históricos e sociolinguísticos da língua africana iorubá, da língua portuguesa e, também, da língua indígena. Além disso, este estudo objetiva analisar a apropriação linguística, como um *modus operandi* da resistência e da reexistência da comunidade homoafetiva. Optou-se por coletar os dados para a pesquisa por meio de um formulário eletrônico, via whatsapp e e-mail, com sujeitos integrantes da pesquisa, autodeclarados membros da população LGBTQIAPN+, na faixa etária que compreende 25 a 60 anos. Por fim, os resultados deste estudo mostram que a Linguagem Pajubá pode ser considerada um instrumento importante para a inclusão social, mostrando, ainda, por meio de uma amostra representativa, que as expressões em uso da Linguagem Pajubá vão além das manifestações linguísticas da comunidade das travestis, numa perspectiva de defesa da vida e de combate à homofobia.

A princípio, a afinidade com o tema parte de revisitar o conceito de uma educação étnico-racial, bem como desconstruir conceitos linguísticos instalados no ambiente escolar. E ainda, considerar que a Linguagem Pajubá, eminentemente, vem caracterizada e carregada de preconceito, segmentada, e, sempre, restrita a grupo minoritário. Nesse sentido, alinhado ao pensamento de João Silvério Trevisan (2018, p. 28), ao fazer referência à Linguagem Pajubá, reitero que tal linguagem consiste numa performance linguística, “subversão cultural se inscreve o deboche, a desmunhecar, a ironia e o riso, florescendo num descaso pelas normas de gênero sexual (como o cultivo ao travestismo) e no uso distorcido da linguagem”.

Se as padronizações culturais da sexualidade, muitas vezes, reduzem o desejo a formas não intercambiáveis, a natureza de cada indivíduo pode propor o contrário: um universo desejante quase ilimitado na sua inventividade. Aqui, aproveito para marcar o lugar de onde venho, de onde falo, na minha caminhada pessoal e profissional: gay, pobre, do interior das Minas Gerais, em constante diálogo com a formação da Igreja Católica. Sou graduado em Teologia, ministro aulas em curso livre dentro da Igreja Católica, militante do grupo da diversidade católica LGBT, agrupando e tentando articular o debate entre a religião

católica e os estudos sobre gênero. Destaco, ainda, que o envolvimento com o tema nasce de uma formação realizada no de 2004, relacionada ao programa de governo denominado “Brasil sem homofobia” e da especialização em Gênero e Diversidade na Escola, concluída em 2016 pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que muito contribuíram para minha formação pessoal e profissional, além de minha (des)construção identitária.

Embora o objeto dessa pesquisa seja relativamente amplo, acredito que representa, ainda que modestamente, uma análise politicamente situada na defesa da Linguagem Pajubá com inúmeras palavras provenientes do Iorubá, com sua diversidade de saberes que adentram a educação das relações étnico-raciais.

Neste sentido, as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico Raciais (2006) falam que:

A linguagem serve para marcar o lugar de onde falamos; assim devemos levar para os alunos e alunas textos que circulam em diferentes esferas sociais: imprensa escrita, mídia, literatura e escola, para serem discutidos a partir dos prévios conhecimentos dos educandos, construindo, desse modo, diferentes estratégias de leitura, como antecipação de sentidos, inferências, localização de informações, interpretação de pressupostos, entrelinhas, dentre outras” (2006, p.113).

A reflexão apresentada, aqui, nasce em decorrência da realização do “Curso de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais: História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, por meio das leituras, estudos, reflexões e debates realizados ao longo de todo o curso. Destaco, ainda, a repercussão da presença da Linguagem Pajubá em uma questão do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) no ano de 2018, que deu visibilidade, nacionalmente, ao uso dessa linguagem. Cabe, ainda, mencionar, o cenário cultural nacional de artistas reconhecidas, de algumas travestis e transexuais como MC Xuxú, Linn da Quebrada, Jup do Bairro, Majur, Mulher Pepita, que usam a performance linguística que privilegia o português vernáculo, mas, em alguns momentos valem-se da Linguagem Pajubá, e até mesmo pode-se afirmar de uma linguagem de gueto.

Assim, a Linguagem Pajubá falada por travestis e por mulheres transexuais reflete e cria fissuras, no processo de relações de embate, de poder e de resistência que afetam a sociedade patriarcal, misógina, hetero-normativa na qual estamos inseridos. Como se sabe, a linguagem produz subjetividades, identidades, resistências, na promoção da construção da identidade individualmente e socialmente, diante da atual sociedade brasileira, majoritariamente, auto-declarada: cisgênera, heterossexual e branca.

A metodologia desta pesquisa parte da elaboração de uma entrevista semiestruturada e aplicada aos participantes. Cada participação realizou-se de forma totalmente voluntária e

confidencial, sendo os dados coletados exclusivos para fins acadêmicos e científicos. Disponibilizou-se a cada participante um formulário eletrônico assinado com consentimento livre e esclarecido, porém, resguardando os dados, a identidade e a confidencialidade de cada envolvido.

Os dados foram gravados, via formulário eletrônico, disponibilizado pelo whatsapp e e-mail em entrevista individual, com número significativo de participação da comunidade LGBTQIAPN+, dados transferidos para o drive, armazenados, catalogados e analisados. Para a preservação da identidade dos sujeitos, ainda que não tenham se manifestado de maneira contrária a terem seus nomes expostos, a cada um foi dado um código (Sigla do nome+idade+orientação sexual+gênero+ raça), conforme o exemplo do código do autor deste artigo com as seguintes informações: Edivaldo Alves Nunes (EAN), idade 43 anos, orientação sexual gay, gênero masculino, raça pardo.

Nesta parte da pesquisa, levamos em conta a autodeclaração de cada sujeito, no quesito orientação sexual. Entendemos, aqui, orientação sexual como se referindo ao sexo das pessoas que elegemos como “objetos de desejo e afeto”. Para tanto, reconhece-se, neste trabalho, três tipos de orientação sexual: a heterossexualidade (atração física e emocional pelo “sexo oposto”); a homossexualidade (atração física e emocional pelo “mesmo sexo”); e a bissexualidade (atração física e emocional tanto pelo “mesmo sexo” quanto pelo “sexo oposto”).

Gênero, por sua vez, nos remete ao atributo social de cada sexo, conceito formulado, em 1970, por “profunda influência do pensamento feminista”. Criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, conforme Joan Scott (1990, p. 7), o gênero é “uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado”, baseado no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana. Assim, o gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social, porém não decorrem da anatomia de seus corpos”.

Por sua vez, a categoria raça se refere à cor da pele, levando-se em conta, sobretudo, a autodeclaração, conforme Giralda Seyferth (1996, p. 175), “a cor e a forma dos cabelos e dos olhos, a estatura, diversos índices cranianos e faciais, o peso e o volume do cérebro, entre outros traços fenotípicos”. Nesse sentido, tais atributos são vivenciados em grupos, por seus familiares e pares.

Este trabalho está estruturado em quatro etapas: inicialmente, fazemos um apanhado histórico da Linguagem Pajubá, dando conta de evidenciar o valor identitário do dialeto; em seguida, o corpo como processo de ressignificação linguística, na terceira parte, adentramos

nos procedimentos metodológicos com análise de resultados da pesquisa entre a Linguagem Pajubá, sujeito e conhecimento, entendendo que essas discussões fundamentais para a compreensão da linguagem extrapolam a comunidade LGBTQIAPN+, e, por fim, esboçamos ao longo do processo discutido durante, o artigo, a fim de desvendar e compreender o uso da Linguagem Pajubá dentro e fora da comunidade acadêmica, além das considerações finais e referências.

2. A Linguagem Pajubá (Re)Existência Linguística

Antes de suscitar o conceito da Linguagem Pajubá (ou *Bajubá*), podemos perguntar-nos de onde vêm as raízes históricas dessa linguagem usada pela comunidade das travestis do Brasil. Vale revisitar, mesmo que de forma sucinta, os conceitos de linguagem, dialeto, provenientes da cultura ioruba-nagô. Segundo a Aurélia (2006), o primeiro dicionário gay do Brasil, ao certo, não se sabe quando essa linguagem surgiu, segundo Larissa Maués Pelúcio Silva (2007, p.110), porém, “além de ser uma linguagem da rua, dos espaços de exclusão, tem sua origem na cultura afro-brasileira”.

Ao buscarmos a origem do conceito da Linguagem Pajubá, encontramos, segundo a Aurélia: “*bajubá* - baseada nas línguas africanas empregadas pelo candomblé, é a linguagem praticada inicialmente pelas travestis e posteriormente estendida a todo universo gay [variante: *pajubá*]” como é conhecida a linguagem de comunicação do grupo LGBTQIAPN+, de modo específico a comunidade das travestis” e conforme, Pelúcio (2009, p.42) “as travestis fazem uso de uma linguagem própria, composta não só de gírias, que são palavras da língua portuguesa resignificadas, como também usam inúmeras palavras provenientes do ioruba-nagô, compondo uma linguagem que elas denominam de *bajubá* ou *pajubá*, ou ainda bate-bate”.

Neste sentido, o conceito etimológico da Linguagem Pajubá é uma fusão dos termos de grupos étnico-linguístico iorubá- nagô. Segundo a Yeda Pessoa de Castro (1983, p.3), o iorubá é uma língua única, constituída por um grupo de falares regionais, concentrados no sudoeste da Nigéria (ijexá, oió, ifé, ondô, etc.) e no antigo Reino de Queto (Ketu), hoje, no Benin, onde é chamada de nagô, denominação pela qual os iorubás ficaram tradicionalmente conhecidos no Brasil.

Nesse contexto, segundo Yeda Pessoa de Castro² (1983, p.1), ao falar das Línguas Africanas ao Português Brasileiro:

(...) vocabulário de base africana ocorrente em diferentes níveis sócio-culturais de linguagem dos falares da Bahia, reconhecidamente o maior centro de irradiação de influências africanas no Brasil, e na estrutura morfológica de certas línguas africanas, daquelas que a evidência linguística, encontrada nesse mesmo tipo de vocabulário, revelou, até agora, como línguas ou grupo de línguas que foram faladas no Brasil durante o regime da escravidão.

Fica evidente que Castro (1983), chama atenção de maneira a enfatizar a notável diversidade de línguas, como origens diversas, a diversidade da linguística oriunda de milhões de escravos dos diferentes lugares do continente africano. Este contingente de negros e afrodescendentes trouxe riqueza de elementos para a diversidade linguística, a cultura, a economia da população brasileira e outras áreas de desenvolvimento.

No entanto, apesar dessa notável diversidade de línguas e de culturas, a narrativa verdadeira foi invisibilizada ao longo da história brasileira, contada pelos colonizadores. Nota-se a importância dos terreiros de candomblé e umbanda, como forma de resistência linguística e cultural a fim de salvaguardar a memória através dos diferentes cultos religiosos e atividades culturais.

Não se sabe ao certo quando a linguagem Pajubá surgiu, mas sabe-se que há uma relação entre ela e a cultura africana, numa costura iniciada ainda na época do Brasil colonial – a maioria das palavras repetidas na Linguagem Pajubá vêm do iorubá, língua materna de boa parte dos negros escravizados que, no Brasil, converteram suas religiões de matriz africana (candomblé) a algo híbrido com elementos do catolicismo, processo conhecido como sincretismo.

É justamente nesse processo que se vê o surgimento da Linguagem Pajubá: O idioma iorubá não tem uma flexão de gênero, como no português ('o menino' e 'a menina'). E os dogmas (digamos assim) do candomblé admitem a flexibilização entre masculino e feminino, algo que na tradição cristã é impensável. Assim, não foi à toa que os terreiros de candomblé tenham se tornado uma espécie de 'espaço de existência' de gays e das travestis daquele tempo, meados do século XX, lugar onde essas pessoas podiam viver suas identidades sem represálias. Foi nos terreiros, portanto, que a assimilação do iorubá para uma linguagem cifrada teve início.

².Disponível em <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/3667/1/12121212.pdf>. Afro-Ásia, 14- 1983. Das línguas africanas ao português brasileiro. Acesso em 21 de fevereiro de 2023.

Ainda hoje, a Linguagem Pajubá é considerada um dialeto popular constituído pela inserção em outras línguas, incluindo a Língua Portuguesa do Brasil, com numerosas palavras e expressões provenientes de línguas africanas ocidentais. Para Renato Régis Barros (2017, p.28), “é exatamente o que ocorre quando os gays se comunicam fazendo uso do pajubá”.

Sendo a Linguagem Pajubá ou Bajubá, recurso linguístico africano comum que os negros traficados como escravos para o Brasil colonial/imperialista encontraram para se comunicarem. Formada basicamente pelas línguas Iorubá-Nagô, a Linguagem Bajubá tem um dialeto relativamente simples que reforça o dialeto e cria uma noção de cultura. De outro lado, é uma forma de afirmação identitária entre coletivos que são continuamente marginalizados e violentados.

As evidências históricas apontam que durante o período da ditadura militar, em 1964, a Linguagem Pajubá foi utilizada como linguagem de resistência, utilizada pelas travestis para enfrentar os policiais, modo de referenciar a presença indesejável de policiais próximos aos espaços que encontravam outras travestis. Para João Silvério Trevisan (2018, p.28) ao fazer referência ao dialeto há uma “subversão cultural se inscreve o deboche, a desmunhecar, a ironia e o riso, florescendo num descaso pelas normas de gênero sexual (como o cultivo ao travestismo) e no uso distorcido da linguagem”. Assim, para Trevisan, o *bajubá se caracteriza* como linguagem pessoal e identidade linguística; para facilitar a comunicação passou a ser uma forma de preservação, camuflagem e resistência.

Segundo a professora do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, Silvana Nascimento, a Linguagem Pajubá reforça o que é dialeto “de um lado, pode ser usado como proteção por meio de inspirações das religiões de matriz africana, que são uma das poucas que incluem pessoas-transsexuais e travestis sem julgamentos morais ou preconceitos.” De certo modo, para muitos, a Linguagem Pajubá, considerada, como dialeto ou gíria, como fenômeno social, espaço de discussões sociais, além do direito e respeito. Ainda, o uso deste dialeto linguístico apropriado pelo grupo com expansão social.

Segundo Pelúcio (2007, p.110), (usa-se ambos os termos), gíria própria das travestis, que tem sua origem no ioruba-nagô [...] Além de ser uma linguagem da rua, dos espaços de exclusão, tem sua origem na cultura afro-brasileira, nas casas e terreiros de religiões afro-brasileiras, o pajubá está presente, de modo especial no candomblé.

Como referido anteriormente, a Linguagem Pajubá, com origem no iorubá, foi adotada pela comunidade das travestis e ganhou espaço público LGBTQIAPN+ e uma certa popularidade. Algumas palavras estão registradas no dicionário Aurélia (2006), “dicionário

da língua afiada”, obra do jornalista Angelo Vip e por Fred Lidi. Os autores apresentam 1.300 verbetes, com seus significados, dando ao pajubá uma visibilidade maior. Cabe, ainda, assinalar a variação dos verbetes, de acordo com o processo sociolinguístico de regionalização.

Por outro lado, podemos afirmar que não se sabe ao certo quando essa linguagem surgiu, mas há claramente uma relação entre a Linguagem Pajubá e a cultura africana, iniciada ainda na época do Brasil colonial. Da perspectiva usual, a Linguagem Pajubá ganha status linguístico, caracterizada como resistência linguística e corporal.

2. Procedimentos Metodológicos

Para os procedimentos metodológicos, elaborou-se um quadro descritivo dos participantes da pesquisa, o quadro 01 – Participantes da Pesquisa, com o código, a profissão e a escolaridade, de cada participante. Ao analisarmos o quesito código, destacamos a variação, de faixa etária que compreende de 25 a 60 anos. Como podemos observar o código do participante (21) com a idade de 25 e o código do participante (32) com a idade de 60 anos.

Podemos, ainda, constatar a diversidade de orientação sexual e de gênero, podemos fazer referência a dois códigos dos participantes (4 e 7) ambos denominando Mulher-trans e hétero. Outro exemplo de orientação sexual e gênero: participantes com os códigos dos participantes (21 e 27) denominando gay.

QUADRO 01

1. Participantes da pesquisa

Glossário para a orientação sexual:

M = Masculino

CM = Cisgênero masculino

HC = Homem cisgênero

H = Homem

F = Feminino

MT = Mulher transexual

HC= Homem cisgênero

G = Gay

HS= Homossexual

HC = Homem cisgênero

MC = Mulher cisgênero

C = Cisgênero

HCG = Homem cisgênero gay

HT = Heterossexual

B = Bissexual

L = lésbica

BR = Branca

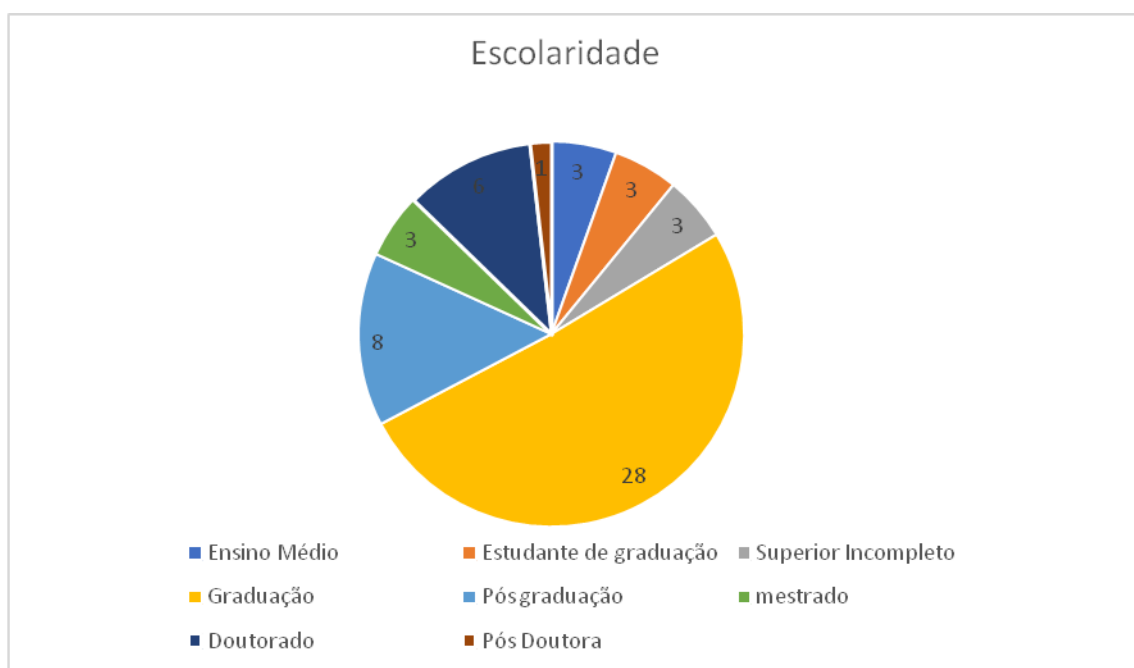
PD = Pardo/a

P = Preto

Número	Código	Profissão	Escolaridade
1.	FM36HGBR	Assistente social	Superior
2.	TR58BR	Professor	Doutorado
3.	SS45HCGPT	Assistente social	Superior
4.	PHAG43MTHPD	Cuidadora de idosos	Ensino Médio
5.	PJS41HGPD	Professor	Superior
6.	Z51FHPT	Professora	Superior
7.	LJPB34MTHPT	Esteticista	Superior
8.	CG30FHPT	Fisioterapeuta	Superior
9.	SS36FHPT	Jornalista	Superior
10.	WRA29MHPD	Estudante	Superior Incompleto
11.	HPC33MBBR	Professor	Doutorado
12.	JAS57FBBR	Professora	Doutorado
13.	F41HCGBR	Farmacêutico	Superior
14.	A42HCGHBR	Assistente social	Pós- graduação
15.	ARS52HCGBR	Diretor de Políticas Públicas	Pós- graduação
16.	GMJ42HGCPD	Prof. Alfabetizador	Superior
17.	DDA39MCHPD	Bióloga	Pós-doutorado
18.	MFF35CHPD	Administrador de empresa	Superior
19.	JRO58MHNG	Psicólogo	Superior
20.	EJS41MHBR	Assistente tributário	Superior
21.	AT25GBNI	Estudante	Superior incompleto
22.	P38HCGPT	Administrador	Pós- graduação
23.	ADHCGBR	Médico	Pós graduação
24.	PAS47FHNG	Professora	Superior
25.	0JJ42HHPD	Servidor público	Superior
26.	GJRL37HCGBR	Professor	Pós-graduação
27.	JBPJ35HCBR	Professor	Pós-graduação

28.	LM27GGBR	Professor	Superior
29.	GSS25MHPD	Professor	Superior
30.	FM33CHBR	Professor	Superior
31.	DM29MHBR	Professor	Superior
32.	SM60FLPD	Pedagoga	Superior
33.	OJ45HPD	Professor	Doutorado
34.	MPCN41MGPT	Auxiliar de RH	Superior
35.	GS39HHPD	Biólogo	Superior
36.	AP37HHBR	Advogado	Superior
37.	CL40MHPT	Religioso	Superior
38.	MDR36MHGR	Designer	Superior
39.	RRS45HGGR	Vendedor	Ensino Médio
40.	LB36FHPT	Aux. Administrativo	Pós-graduação
41.	FS31HCHNG	Professor	Doutorando
42.	VL30FBPT	Psicologia	Pós-graduação
43.	BPC40HBBR	Aux de Laboratório	Ensino Médio
44.	PC35HHBR	Professor	Mestrado
45.	LASS38FHPD	Jornalista	Mestrado
46.	GM29FBPT	Analista Ambiental	Superior
47.	MV49MGBR	Ator	Superior Incompleto
48.	SL60MGBR	Professor	Superior
49.	MM57MCHPT	Advogada	Superior
50.	EZ75MCHBR	Psicóloga	Superior
51.	JGGG34HCGPT	Assessor Parlamentar	Superior em curso
52.	TMBR33FHBR	Analista de RH	Superior em curso
53.	RFM24HCGHPT	Estudante	Superior em curso
54.	DAT35MHPT	Ator	Mestrado
55.	EN47CGPT	Ator e Pedagogo	Doutorado em curso

No quesito escolaridade, o gráfico com registros dos 55 participantes destaca que 3% terminaram o Ensino Médio, 28% dos participantes da entrevista têm graduação (com diversas formações, com a predominância de 16% em exercício do magistério. Ao número dos participantes, para a reflexão do tema, é necessário acessar redes de amigos, colegas e outros colaboradores. Contudo, é fundamental pensarmos na formação dos professores, com vistas à sensibilização e à elaboração de estratégias para melhor equacionar questões ligadas ao combate às discriminações racial e de gênero e à homofobia.

GRÁFICO 1: Escolaridade dos Sujeitos da Pesquisa

3. Resultados e Análise

Vale constatar que, mesmo buscando de várias maneiras, por meio de formulário eletrônico, via WhatsApp e e-mail, conseguimos o número de apenas dois códigos dos participantes (4 e 7), ambas auto denominando-se “mulher transexual”, como apresentado no quadro 01. Ainda: mesmo com diferentes tentativas de contato, não foi possível a participação de travestis.

No entanto, segundo Barroso (2017, p.96) “se uma classe marginalizada se sente hostilizada em sua maneira de falar, pensar e agir, é óbvio que seu sistema de defesa será ativado, e, assim, vai procurar outra forma de sair do universo invisível, da qual ela faz parte.”

QUADRO 2

A Linguagem Pajubá

Número	Código	Você já ouviu a linguagem Pajubá? Quando? Como?
1.	FM36HGBR	Sim, amigos!
2.	TR58CMGBR	Já. Nestes últimos 40 anos convivendo com as pessoas transexuais.
3.	SS45HCGPT	Informalmente.
4.	PHAG43MTHPD	Não.

5.	PJS41HGPD	Sim. Por postagens na internet.
6.	Z51FHPT	Sim. Internet
7.	LJPB34MTHPT	Sim, desde o princípio da vivência dentro da comunidade
8.	CG30FHPT	Sim. Fui apresentada quando iniciei no teatro, aos 11 anos
9.	SS36FHPT	Sim. Mas não sabia que se trata de uma linguagem Pajubá
10.	WRA29MHPD	Já ouvi falar deste nome, mas não conheço esta linguagem.
11.	HPC33MBBR	Sim
12.	JAS57FBBR	Não
13.	F41HCGBR	Sim. No dia a dia. Na minha tribo.
14.	A42HCGHBR	Pouco
15.	ARS52HCGBR	Sim, desde meus 14 anos, amigos.
16.	GMJ 42HGCPD	Sim, por ser gay e me interessar por assuntos sobre gênero, sexualidade e religião.
17.	DDA39MCHPD	Não
18.	MFF35CHPD	Sim, na Internet
19.	JRO58MHNG	Sim
20.	EJS41MHBR	Não
21.	AT25GBNI	Sim. Nas redes sociais e na ENEM
22.	P38HCGPT	Não
23.	ADHCGBR	Já, em vídeos e entre amigos gays
24.	PAS47FHNG	Não
25.	0JJ42HHPD	Sim
26.	GJRL37HCGBR	Sim. Amigos, redes sociais e o Dicionário Aurélia
27.	JBPJ35HCBR	Sim, através de algumas pessoas.
28.	LM27GGBR	Não.
29.	GSS25MHPD	Não especificamente; já ouvi alguma vez em noticiários e programas especiais do canal Futura.
30.	FM33CHBR	Sim. Em ambientes LGBTIs, principalmente ruas e boates.
31.	DM29MHBR	Escuto a linguagem pajubá desde que comecei a interagir e frequentar meios LGBTQIAP+, vindo de amigos e colegas, principalmente à noite, em bares e baladas.
32.	SM60FLPD	Não.

33.	OJ45HPD	Por causa dessa pesquisa
34.	MPCN41MGPT	No bar gay, 2016
35.	GS39HHPD	Em várias situações da vida.
36.	AP37HHBR	Não sei dizer exatamente
37.	CL40MHPT	Sim. Meios de comunicação
38.	MDR36MHGR	Sim, em rodas de conversas com amigos
39.	RRS45HGGR	Já! Num bar gols com mesmo nome
40.	LB36FHPT	Não
41.	FS31HCHNG	Sim, entre a comunidade LGBTQIA+ e terreiros de candomblé (tendo em vista que algumas expressões são oriundas deste universo)
42.	VL30FBPT	Sim. Um pouco. Na internet.
43.	BPC40HBBR	Entre amigos
44.	PC35HHBR	Sim, em vídeos de temática lgbt e entre amigos
45.	LASS38FHDP	Não
46.	GM29FBPT	Não
47.	MV49MGBR	Sim, na adolescência através de amigos gays
48.	SL60MGBR	Não.
49.	MM57MCHPT	Não
50.	EZ75MCHBR	Não
51.	JGGG34HCGPT	Não.
52.	TMBR33FHBR	Não
53.	RFM24HCGHPT	Sim, com alguns amigos LGBTQIAP+
54.	DAT35MHPT	Sim, entre amigos, em conversas.
55.	EN47CGPT	Sim. No meu cotidiano

No quadro 02, com a pergunta norteadora, fica pertinente a resposta dos códigos (2) ao afirmar que: “Já. Nestes últimos 40 anos convivendo com as pessoas transexuais”, bem como, no código (8) ao dizer: “Fui apresentada quando iniciei no teatro, aos 11 anos”, “Desde meus 14 anos, amigos”. (21) “Nas redes sociais e na ENEM”, (26) “Amigos, redes

sociais e o Dicionário Aurélia”, (31) “Escuto a linguagem pajubá desde que comecei a interagir e frequentar meios LGBTQIAP+, vindo de amigos e colegas, principalmente na noite, em bares e baladas” e (41) “Sim, entre a comunidade LGBTQIA+ e terreiros de candomblé (tendo em vista que algumas expressões são oriundas deste universo)”. Assim, nesse aspecto, a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares. Ela os institui, não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças (LOURO, 1997, p.65).

Quadro 03
Expressões na Linguagem Pajubá mais faladas

Cite três expressões, as quais você gosta ou usa mais.	Número de ocorrências
Babado	17
Abafa o caso	16
Dar a Elza	9
Larica, urso	6
Barbie, aqueita, amapoa	4
Bafo	3
Despistado; neca; equê; picumã; bafão; mafiosa; acuê; arrasou; acuendar a neca; escândalo; truque.	2
Aquendar a neca; alibã; odara; ajeum; Alice; Inhainnnnn; tá querida; mala; suruba; boneca; furico; poc; xoxar; fazer a egípcia; siririca; mafuá; rebuceteio; bofe; aquê; close; gata; mana; bicha; bicha equezera; cunete; gongar; maricon; levar a fama sem deitar na cama; quem pariu Mateus que embale; edi; Kátia; aquendar; ajoelhou tem que rezar.	1

O quadro 03 apresenta resultados em que foram solicitadas aos participantes três expressões de maior uso ou gosto, destacamos as que se sobressaem, e damos a definição segundo o dicionário Aurélia. A expressão “Babado” aparece 17 vezes, refere-se a: "Acontecimento qualquer fora da rotina da comunidade, podendo ser bom ou mau; também pode significar caso amoroso e/ou sexual fora das relações formalizadas.”

Para a expressão "abafa o caso" a ocorrência foi de 12 vezes e o significado correspondente consiste: “expressão usada quando alguém não está a fim ou não está mais podendo ouvir determinada conversa ou comentário; usa-se ainda quando alguém, por algum motivo, não quer que o assunto seja levado adiante.”

Para a expressão “dar a Elza” que aparece 8 vezes, o significado é: da Linguagem Pajubá: roubar.

Nesse sentido, analisando os significados, nota-se a dimensão coletiva da língua escrita, já para com a fala, não. O código falado é restrito, individual, conforme aponta Joaquim Mattoso Câmara Júnior (1992), “a língua pode variar no espaço, em dialetos regionais, variar na hierarquia social, em dialetos sociais, e de acordo com a situação comunicativa.”

No quadro 03 também há uma “variação” de registro da escrita, conforme o exemplo das palavras “mapoa” e/ou “amapoa” que, segundo dicionário Aurélia(2006),

amapô - (do bajubá) variante de amapoa amapoa de bajé - (do bajubá) mulher menstruada amapoa de canudo - (do bajubá) (RJ) travesti não operada; que tem pênis, mas jura que é amapoa amapoa - (do bajubá) vagina; órgão sexual feminino; termo usado para designar mulher [variantes: amapô, mapô].

Tomemos outro exemplo, a palavra “edi” - (do bajubá) ânus (Aurélia) e “furico” - (NE) ânus; edi (Aurélia), a variação da grafia das palavras em duas ou mais formas pode ocorrer no contexto linguístico, considerando-se sua regionalização. Bem como o lado da “variação” de dialetos e variedade, que trata de uma fala comum a comunidade LGBTQIAPN+.

Gostaríamos ainda, de pontuar novamente a expressão “babado”, que extrapola a comunidade a LGBTQIAPN+, e muitas vezes pode ser falada por indivíduos com orientação sexual heteronormativo, pois constatamos que a língua está intrinsecamente relacionada com a sociedade, isto é, a linguagem não é uma propriedade privada de um determinado grupo, mas, ressaltamos um bem coletivo, dotada de uma ética social, com variações de norma estabelecida. Neste sentido, no quadro a seguir, pontuamos o primeiro contato com expressões do universo LGBTQIAPN+.

QUADRO 04

Contato com o universo LGBTQIAPN+

Código	Como foi seu primeiro contato com o universo LGBTQIAPN+ ?
FM36HGBR	A partir de quando me assumir
TR58CMGBR	Com pessoas trans
SS45HCGPT	Surpreso que despertou a linguagem pajubá
PHAG43MTHPD	Não lembro
PJS41HGPD	Efetivamente quando conheci no ENUDS em BH.
Z51FHPT	Prova do Enem
LJPB34MTHPT	Sensacional
CG30FHPT	foi no teatro, então foi bem natural
SS36FHPT	Boa, aprendizado
WRA29MHPD	Foi natural
HPC33MBBR	Foi no convívio de amigos do meio LGBT.
JAS57FBBR	Primeiro contato na Rua da Lama. No universo feminino da minha geração raramente
F41HCGBR	Amiguinho efeminado na escola
A42HCGHBR	Às escondidas

ARS52HCGBR	Através de amigos vizinhos.
A42HGCPD	Em 2007 quando me compreendi e aceitei me como um homem gay.
DDA39MCHPD	Não me lembro.
MFF35CHPD	Através da Internet
JRO58MHNG	Na adolescência
EJS41MHBR	Na escola
AT25GBNI	Com meus primos
P38HCGPT	Estranho e excitante
ADHCGBR	Através de amigos
PAS47FHNG	Através de grupos de amigos que fazem parte deste universo
0JJ42HHPD	Primos assumidos
GJRL37HCGBR	Na TV, com personagens caricatos.

JBPJ35HCBR	Em boate gay.
LM27GGBR	Carnaval Ouro Preto
GSS25MHPD	Estranho e ao mesmo tempo oportuno para compreender e situar-me no mundo pelo qual estou e faço parte na perspectiva de me situar no mundo e ampliar ainda mais minha visão de mundo em meio a uma cadeia global em que nem todos/todas aceitam o simples fato de sermos "diferentes" entre si
FM33CHBR	Na rua.
DM29MHBR	Meu primeiro contato foi com um amigo de uma das minhas tias. Lembro perfeitamente do jeito dele, lembro de ter achado ele maravilhoso, de certa forma eu via alguém semelhante, mesmo eu sendo uma criança na época.

SM60FLPD	Através dos bares
OJ45HPD	Pastoral de igreja
MPCN41MGPT	Uma delícia, fiquei encantado
GS39HHPD	Através de amigos na adolescência
AP37HHBR	Através da Internet
CL40MHPT	Acadêmico
MDR36MHGR	Fui parar da Josefine achando que era boate hetero e me pegaram lá... Foi ótimo!
RRS45HGGR	Em uma boate
LB36FHPT	Desde os meus 15 anos eu comecei a conviver e conhecer maia
FS31HCHNG	O meu primeiro contato com o universo LGBTQIA+ se deu na adolescência quando compreendi minha sexualidade. Este momento foi conflituoso, solitário e doloroso.
VL30FBPT	Através de amigos
BPC40HBBR	Novidade, interesse com um misto de surpresa e quero mais
PC35HHBR	Pela Internet
LASS38FHPD	Através de amigos
GM29FBPT	Foi ótimo. As pessoas precisam ser livres
MV49MGBR	Minha vizinha tinha uma irmã travesti
SL60MGBR	Através de amigos
MM57MCHPT	Ah não sei

EZ75MCHBR	Bom....na luta das Mulheres.
JGGG34HCGPT	Em boate
TMBR33FHBR	Nasci lésbica
RFM24HCGHPT	Através da pornografia
DAT35MHPT	Festa de amigos
EN47CGPT	Desde que eu nasci

No quadro 04, acima, fica evidente uma uniformidade dos participantes do contato com seus pares, como afirmado pelos códigos HPC33MBBR “foi no convívio de amigos do meio LGBT”, A42HGCPD “Em 2007 quando me compreendi e aceitei me como um homem gay”. Assim, ao falar da comunidade LGBT e espaço, afirma Barroso (2017, p.21) “pajubá quer dizer ‘fofoca’ ou ‘novidade’, já que os gays gostam de espalhar alegria por onde passam e, geralmente, falam sobre assuntos diversos como moda, cultura, lazer, sexo, casamento, entre outros”.

Outro dado interessante, é o aparecimento do espaço educacional com os códigos: EJS41MHBR “Na escola” e Z51FHPT a partir da “Prova do Enem”, confirma Hooks (2008, p.86) “mas é também fabricar um espaço para produção cultural alternativa e epistemologias alternativas”, como evidenciou Barroso (2017, p.18) o “pajubá não só é um código de prevenção e diversão criado pelos gays, mas também um processo de identificação linguística”. Dito isso, a desnaturalização a partir da linguagem, ao invés da colocação em “caixinha isolada”, permite um novo olhar, a fim de disseminar a diversidade de saberes e promover a igualdade de gênero.

Cabe ressaltar, que não aparece entre os participantes o ambiente da família como espaço de contato do universo LGBTQIAPN+, como é sabido, temos resquícios de um modelo familiar nuclear, patriarcal e misógino, formado por um conjunto de princípios religiosos e morais associados a várias espécies do que poderíamos chamar de fundamentalismo religioso. Tal fato nos obriga a considerar, para o tratamento do assunto aqui proposto, uma relação muito tênue entre a questão da relação das experiências afetivo-sexuais e as religiões tradicionais.

Quadro 05

A Linguagem Pajubá é da comunidade LGBTQIAPN+?

Código	Sim	Não	Variações
FM36HGBR	x		
TR58CMGBR			Mais das trans....
SS45HCGPT	x		
PHAG43MT HP D	x		
PJS41HGPD	x		
Z51FHPT			Sim. Principalmente das travestis sim
LJPB34MTH PT	x		
CG30FHPD	x		
SS36FHPT	x		

WRA29MHP D			Acho que é
HPC33MBB R			Acredito que o Pajubá é uma linguagem como qualquer outra e pode ser usada por pessoas de quaisquer, acho que é que é orientação sexual.
JAS57FBBR	x		
F41HCGBR		x	
A42HCGHB R	x		
ARS52HCG BR			Sim, os jovens gays estão vivenciados em outros tempos.
A42HGCPD			Hoje em dia sim, antigamente não.
DDA39MCH PD			Pensando de forma mais antropológica de identificação de um grupo, sim, seria um tipo de rito de passagem.
MFF35CHPD			Não sou capaz de opinar.
JRO58MHN G	x		

EJS41MHBR			talvez
AT25GBNI	x		
P38HCGPT		x	

ADHCGBR	x		
PAS47FHNG			Não. Existem jovens gays que não estão inseridos nessa cultura, e mesmo assim fazem parte da comunidade de outras formas.
0JJ42HHPD		x	
GJRL37HCG BR	x		
JBPJ35HCB R		x	
LM27GGBR		x	
GSS25MHP D	x		
FM33CHBR	x		
DM29MHBR			É uma forma de adentrar um universo/grupo com palavras e expressões típicas.
SM60FLPD	x		
OJ45HPD			Podemos dizer que sim

MPCN41MG PT			Em alguns casos
GS39HHPD		x	

AP37HHBR			Sim, acredito que já é uma linguagem que se adaptou no universo LGBTQIA+.
CL40MHPT	x		
MDR36MH GR		x	
RRS45HGG R	x		
LB36FHPT		x	
FS31HCHN G	x		
VL30FBPT	x		
BCP40HBB R			Pode ser um dos fatores deste "rito de passagem".
PC35HHBR	x		
LASS38FHP D	x		
GM29FBPT	x		
MV49MGBR			Não sei definir
SL60MGBR			talvez
MM57MCH PT	x		

EZ75MCHBR			Como linguagem específica de uma categoria de pessoas, pode inaugurar uma identidade sim
JGGG34HC GPT	x	x	
TMBR33FH BR	x		
RFM24HCG HPT	x		
DAT35MHP T			Acho que o Pajubá pode ser considerada uma linguagem ritual de iniciação para pessoas de variadas idades, não apenas jovens.
EN47CGPT			Não diria rito, mas um código

No quadro 05, os participantes foram unânimes ao concordar com a questão sobre a Linguagem o Pajubá ser da comunidade LGBTQIAPN+, como confirma Barroso (2017, p.21) “que comungam de um mesmo código em busca de equidade. A Linguagem Pajubá surge, nessa instância, como uma forma de proteção e também de união”. Neste aspecto, a Linguagem Pajubá exerce a função de incluir e reexistir tornando-se um bem coletivo.

Para exemplificar, o código HPC33MBBR afirma “Acredito que o Pajubá é uma linguagem como qualquer outra e pode ser usada por pessoas de quaisquer, acho que é orientação sexual” e AP37HHBR “Sim, acredito que já é uma linguagem que se adaptou no universo LGBTQIA+”.

É possível ressaltar que para três códigos a Linguagem em Pajubá foi considerada como “rito de passagem”, vejamos as considerações dos códigos: para o DDA39MCHPD “Pensando de forma mais antropológica de identificação de um grupo, sim, seria um tipo de rito de passagem”; BCP40HBBR: “Pode ser um dos fatores deste "rito de passagem" e DAT35MHPT: “acho que a Linguagem Pajubá pode ser considerada uma linguagem ritual de iniciação para pessoas de variadas idades, não apenas jovens”.

Em última análise deste quadro, cabe assinalar que somente o código TR58CMGBR, ressalta que a Linguagem Pajubá é: “Mais das trans....” o que já havíamos constatado, como

mecanismo de subversão, consolidado pela comunidade das travestis, desta forma, uma linguagem de resistência social, isto é, de confronto com as normas binárias impostas pela sociedade cisgênera normativa.

Quadro 06

Ambientes do uso da Linguagem Pajubá

A partir do quadro 06, buscamos compreender os ambientes usuais da Linguagem Pajubá. Inicialmente há um reconhecimento unânime para o reconhecimento da existência do pajubá, mesmo que haja códigos que afirmam que nunca usaram.

Exemplificando:

WRA29MHPD: “Não costumo usar”,

PAS47FHNG: “Nunca usei”;

LB36FHPT: “Eu usava e não sabia rs”, resta reconhecer, que a etimologia da palavra Pajubá, ainda é pouco divulgada, mas falada na comunidade gay.

No caso estudado, a Linguagem Pajubá, adentra como dialeto do “universo gay”. Neste aspecto, o quadro ressalta que a maioria dos entrevistados utilizam dos termos, em diferentes lugares onde estão inseridos. De modo específico, a Linguagem Pajubá nos remete a *Aurélia*³ dicionária de 2006, os autores Ângelo Vip, e Fred Libi recolhem termos falados, nos diferentes estados da federação brasileira, porém os leitores são advertidos: “que o dicionário não tem a pretensão de ser politicamente correto. Muitos termos são chulos e pejorativos, podendo ser ofensivos para determinadas pessoas ou grupos. Nesse caso, recomendamos a interrupção imediata da leitura”.

Nesta linha de raciocínio, caberia exemplificar alguns “termos são e pejorativos, podendo ser ofensivos para determinadas pessoas ou grupos”. Tomemos alguns termos, como exemplo, a partir da Aurélia: “anel de couro - (CE) ânus; edi; rosca” (2006, p.1); “apagar a vela - fazer sexo anal; introdução do pênis no ânus” (2006, p.1) cunete - sexo oral na região do ânus; cunnilingus (2006, p.7); “gagau - (PE) felação com ejaculação” segundo Aurélia (2006, p.9),

³ . Entrevista disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u60885.shtml>

Ainda, há termos que são popularmente falados, não somente pela comunidade gay, como “abafa o caso - expressão usada quando alguém não está a fim ou não está mais podendo ouvir determinada conversa ou comentário; usa-se ainda quando alguém, por algum motivo, não quer que o assunto seja levado adiante”, conforme Aurélia (2006, p.1).

Código	Em quais ambientes você costuma fazer uso do Pajubá?
FM36HGBR	Lazer
TR58CMGBR	Em todos lugares
SS45HCGPT	Ambientes gays. Aleatoriamente no dia a dia
PHAG43MTH PD	No meio lgbt e quando estou com outros lgbs
PJS41HGPD	Especialmente no meio social lgbtqiap+
Z51FHPT	Roda de amigos lgbt
LJPB34MTHP T	Todos
CG30FHPD	roda de amigos que tenha LGBTQIA+
SS36FHPT	Nenhum
WRA29MHP D	Não costumo usar

HPC33MBBR	Entre amigos e nos ambientes de lazer e descontração seja ele LGBT ou não
JAS57FBBR	Não faço
F41HCGBR	Em situações informais.
A42HCGHBR	Entre amigos
ARS52HCGBR	Em todos os ambientes, desde minha casa ate no meu serviço.
A42HGCPD	Em sala de aula com os alunos, ou na sala dos professores da escola que trabalho e com amigos
DDA39MCHPD	Das expressões que conheço, em ambiente
MFF35CHPD	Internet, Bares, boates
JRO58MHNG	Com quem conhece a linguagem
EJS41MHBR	Entre amigos na balada
AT25GBNI	Na universidade e nos ciclos de convivência LGBTs
P38HCGPT	Bares ou boates
ADHCGBR	Na casa de amigos, balada e bares lgbtqiap+
PAS47FHNG	Nunca usei

0JJ42HHPD	Bares e boates gays
GJRL37HCG BR	Entre amigos
JBPJ35HCBR	Com amigos gays.
LM27GGBR	No meio dos gays
GSS25MHPD	Uso algumas expressões/termos quando estou ao lado de amigos próximos.
FM33CHBR	Balada, com amigos, nas ruas com outros LGBTIs
DM29MHBR	Atualmente, como se tornou algo natural, uso vários ambientes diversos. Porém no início usava mais no meio LGBT, como bares e baladas.
SM60FLPD	Quase não uso
OJ45HPD	Não
MPCN41MG PT	Na roda de amigo, e na rotina do dia a dia.
GS39HHPD	Em ambientes mais voltado para o público LGBTQIA+
AP37HHBR	Com amigos
CL40MHPT	Entre amigos próximos

MDR36MHGR	Uso frequentemente
RRS45HGGR	Com amigos! Lugares lgbt
LB36FHPT	Eu usava e não sabia rs
FS31HCHNG	Utilizo pouco preferencialmente com a população LGBTQIA+
VL30FBPT	As poucas expressões que uso, em ambientes de amizade.
BCP40HBBR	Em ambientes do gênero na grande frequência ou na rua 9
PC35HHBR	Entre amigos.
LASS38FHPD	No dia a dia, com amigos e colegas de trabalho.
GM29FBPT	Em ambientes informais com os amigos
MV49MGBR	Em qualquer ambiente
SL60MGBR	Nenhum
MM57MCHPT	Salão de beleza e bares
EZ75MCHBR	Raramente uso algumas dessas palavras em linguagem corriqueira, as vezes.
JGGG34HCGPT	Não costumo fazer, mas ouço muito entre os amigos mesmo

TMBR33FHB R	Com os gays
RFM24HCG HPT	com amigos da comunidade LGBTQIAP+
DAT35MHPT	Geralmente uso o Pajubá em espaços de lazer... Como bater, boate, festa etc
EN47CGPT	Quando a linguagem pede

4. Considerações Finais

Ao final deste trabalho, ressaltamos que a Linguagem Pajubá consiste numa linguagem de resistência, adotada pelo público LGBTQIAPN+, como identidades e formas de (re)existência, no modo de expressão linguística, elegendo escolhas identitárias no processo sociointeracional e de relação direta com a língua falada e linguagens decorrentes. Embora reconheçamos que a Linguagem Pajubá foi articulada pelas travestis, entendemos que ela teve sua disseminação entre gays e além deles, pois conta de uma maneira extrovertida, expressão de sobrevivência nos diferentes espaços de marginalização.

É fato que a discussão sobre a Linguagem Pajubá ainda não permeia os espaços formais da sociedade, como a escola, bem como no “guarda-chuva” pertencente a toda comunidade LGBTQIAPN+. Essa linguagem ainda se apresenta como uma língua marginalizada, apropriada pela comunidade das travestis, diante de um modelo de sociedade heteronormativo e patriarcal. Ressaltamos que a linguagem tema do presente trabalho deve ser mais estudada, dada a conhecer e a ocupar um espaço de destaque no universo acadêmico, dada a sua importância nas células marginalizadas que fazem seu uso comunicativo.

No âmbito acadêmico, o conhecimento acerca da Linguagem Pajubá revela-se urgentemente necessário, especialmente quando, por exemplo, a expressão “deu bafão” é utilizada, como outrora na questão citada na prova do Enem, dando visibilidade ao “dialeto secreto” das comunidades de gays e das travestis. Ao se colocar essa questão, acreditamos que a iniciativa é um esforço para a democratização da diversidade dos saberes. Portanto, nota-se que a Linguagem Pajubá, não pode ficar na marginalização, mesmo perante os

setores conservadores da sociedade que tendem a proibir diferentes e diversificados temas no contexto escolar.

Compreendemos que a todo momento, a Linguagem Pajubá é expressa de maneira informal, em alguns contextos, de modo aleatório, não somente pela comunidade LGBTQIAPN+, mas por todos os falantes, contudo, considerada como gíria. A partir da análise realizada, na presente pesquisa, constata-se o quanto é dinâmico e variado o conhecimento da comunicação estudada, considerando especialmente o lugar da apropriação dos termos. Fica confirmado que a Linguagem Pajubá, em sua diversidade e peculiaridade, tornou-se uma forma de sobrevivência, resistência no dia a dia dos homossexuais em diálogos com a sociedade, protegendo-se dos riscos de agressões e violências pela sua simples presença.

Por fim, ao término desse trabalho fica a sensação de que há muito a ser questionado e pesquisado. Há considerações, discussões e desdobramentos oriundos de reflexões expostas aqui que merecem ser aprofundados. Permanece o desafio de que o campo das relações do pajubá apresentam-se como “mundos”, que precisam ser descortinados e repensados para além da comunidade LGBTQIAPN+, nos diferentes espaços de educação, a fim de combater a homofobia e os preconceitos.

5. Referências

ALONSO, Nilton Tadeu de Queiroz. **Entre segredos e risos: gírias da diversidade sexual**. 2010. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

BARCELOS SOLIVA, Thiago; GOMES JUNIOR, João. **Entre vedetes e “homens em travesti”**: um estudo sobre corpos e performances dissidentes no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX (1900-1950). *Locus: Revista de História, Juiz de Fora*, v. 26, n. 1, p. 123-148, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/30003>. Acesso em 04 de março. 2023.

BARROSO, Renato Régis. **Pajubá: o código linguístico da comunidade LGBT**. 2017. Tese (Mestrado em Letras e Artes) da Universidade do Estado do Amazonas.

BENÍSTE, José. **Dicionário Yorubá-Português**. São Paulo: Bertrand, 2011.

BRASH, Alan A. **Encarando nossas diferenças: as igrejas e seus membros homossexuais**. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2002.

Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais. Livro de conteúdo. Versão 2009-Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

GOMES JUNIOR, João. **O pajubá como tecnologia linguística na constituição de identidades e resistências de travestis.** Cad. Gên. Tecnol., Curitiba, v. 14, n.43, p. 300-314, jan./jun. 2021.

LIMA, Rita de Lourdes. **Diversidade, identidade de gênero e religião:** algumas reflexões. Revista em Pauta. Rio de Janeiro, v.9, n.28, p.165-182. dez.2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação.** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MISKOLCI, Richard. **Marcas da diferença no ensino escolar.** São Carlos: EduFSCar, 2010.

OCANHA, Rafael Freitas. **Amor, feijão, abaixo camburão:** imprensa, violência e trottoir em São Paulo (1979-1983). Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais Brasília: SECADI, 2006.

PELÚCIO, Larissa. **Nos nervos, na carne, na pele:** uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS. Tese (Doutorado em Ciências Sociais – área de concentração: Relações Sociais, Poder e Cultura). São Paulo. UFSCar, 2007.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade.** Porto Alegre: UFRGS, 1990.

SEYFERTH, Giralda. **A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos.** Anuário Antropológico/93 Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995, p.175-203.

TREVISAN. João Silvério. **Devassos no paraíso:** a homossexualidade no Brasil: da colônia à atualidade. São Paulo: Editora Objetiva, 2018.

VIP, Ângelo; LIBI, Fred. **Aurélia, a dicionária da língua afiada.** São Paulo: Editora do Bispo, 2006.